

González Porta, Mario Ariel. (2011). *Estudos Neokantianos*. Edições Loyola, São Paulo. 322 p. ISBN 978-85-15-03841-1.

Talvez “redescobrimto” seja uma caracterização adequada para designar o *status* do movimento neokantiano atualmente. Se, por um lado, o neokantismo tem recebido uma maior atenção em diversos lugares da Europa, América do norte, Ásia, e em alguns países da América Latina, por outro, na ainda jovem cultura filosófica brasileira, o estudo desse importante e decisivo movimento é algo atípico dentro de nossas instituições de ensino, para dizer o mínimo. De fato, a quantidade de trabalhos acadêmicos, artigos e livros sobre as filosofias de autores como Cassirer, Windelband, Cohen, Lask, Natorp, Rickert e tantos outros que fizeram parte desse plural movimento filosófico está muito aquém do que eles realmente merecem. Sem dúvidas, esse “acerto de contas” com tais personagens seria uma tarefa muito mais árdua se não tivéssemos à nossa disposição os *Estudos Neokantianos*, do Professor Mario Ariel González Porta.

Trata-se de uma obra publicada pela Edições Loyola no ano de 2011 e que ocupa um lugar de destaque no amplo contexto de sua linha de pesquisa “Origens da filosofia contemporânea”. Muito do que sabemos hoje em dia sobre o neokantismo e seu diálogo com a plural tradição deve-se ao sério e competente trabalho de pesquisa do Professor Porta.

Estudos Neokantianos é fruto das décadas de pesquisa do Professor Mario Porta sobre o movimento filosófico alemão. O resultado dessa longa investigação são os onze estudos que compõem a obra, abarcando temas de epistemologia, filosofia da ciência, filosofia da matemática, lógica, história da psicologia, hermenêutica e estética.

Estudos Neokantianos é um volume extremamente interessante e denso em conteúdo, em que o Professor Mario Porta mostra admirável repertório filosófico: desde seu tratamento minucioso nas distinções conceituais, sua refinada análise dos textos originais e sua discussão madura com a literatura existente. Outro dos ganhos repousa no caráter autônomo de cada capítulo, que permite a leitura não linear da obra, segundo o autor nos informa em sua apresentação. Ainda assim, o grupo de textos contidos em *Estudos Neokantianos* formam uma unidade, um conjunto temático, que se esclarecem e se complementam de maneira recíproca.

Feita essa introdução, resta-nos nas linhas a seguir, mapear de modo adequado e fazer alguns apontamentos dos temas, problemas e atores trazidos ao debate pelo Professor Mario Porta em *Estudos Neokantianos*.

ZURÜCK ZU KANT! Adolf Trendelenburg, a superação do idealismo e as origens da filosofia contemporânea. Esse é o título completo do capítulo de abertura do livro. Nele, é analisado o papel que cumpre Adolf Trendelenburg no período das origens da filosofia contemporânea, em particular no início do movimento neokantiano. Trendelenburg, segundo Porta, é a figura chave, ou o filósofo que faz a mediação entre o idealismo e a filosofia contemporânea. A partir dele, acompanhamos o início de um movimento inovador no *modus operandi* da filosofia no século dezenove. Além disso, neste capítulo é mostrado como Trendelenburg torna-se uma das mais célebres figuras na luta contra o idealismo de matriz hegeliana e participação decisiva no contexto dos Neokantianos, em particular quanto a ideia da filosofia como disciplina que se ocupa da reflexão do *Faktum* da ciência. Isso, como bem apontado pelo Professor Mario Porta, é um dos marcos fundamentais ao projeto transcendental da escola de Marburgo. O capítulo termina com uma profunda análise da relevância de Trendelenburg ao projeto de Cohen – seu aluno à época – que entra no debate filosófico com uma investigação sobre as interpretações do hegeliano Kuno Fischer e do kantiano Adolf Trendelenburg sobre a “Estética Transcendental” da *Crítica da Razão Pura*. É justamente nesse contexto da querela entre realismo e idealismo – e a eventual “queda” deste último nas décadas finais do século dezenove – que o texto inaugural de *Estudos Neokantianos* se insere.

No segundo capítulo da obra, *O problema da “Filosofia das Formas Simbólicas”*, como fica evidente pelo título, trata-se de uma exposição extremamente útil do ponto de partida da filosofia de Ernst Cassirer até o surgimento de sua obra maior. Nesse estudo, que se inicia com os pressupostos científicos e filosóficos do século dezenove, passando a escola de Marburgo e seu desenvolvimento em Cohen, depois em Natorp e, finalmente, culminando no programa de uma *Filosofia das Formas Simbólicas*, o Professor Mario Porta faz um apanhado de todo esse vasto contexto. Para isso, o trabalho é levado a efeito em dois níveis: um mais panorâmico e outro mais específico. Em determinados momentos, trata-se de reconstruir o ambiente maior que da obra de Cassirer pressupõe: como, por exemplo, o reestabelecimento positivo da filosofia com a ciência (conflito este legado pelo idealismo alemão); já em outros, trata-se de explorar os conceitos chave da

obra cassireriana (signo, símbolo, forma simbólica *etc.*). Vale mencionar, por fim, que este é provavelmente o capítulo mais adequado a alguém que esteja tomando um primeiro contato com o assunto. Um texto que é meritoso, sobremaneira, por fornecer ao leitor de um modo simples, conciso e coerente em torno de todo esse rico ambiente científico-filosófico que a obra cassireriana esteve inserida, sem acarretar perdas ou reduções conceituais. Nele, se encontra o essencial para compreensão, tanto do contexto, quanto propriamente ao texto *Filosofia das Formas Simbólicas*, de Cassirer.

Aprofundando alguns dos temas explicitados no capítulo anterior, o capítulo 3, *De Newton a Maxwell*, é um texto que reconstrói rigorosa e claramente um aspecto¹ que constitui o núcleo duro da parte “científica” pressuposta pela epistemologia de Cassirer: o desenvolvimento da física no século dezenove. Para isso – e seguindo o *motto*: “*Zurück zu Kant!*” – Mário Porta volta a Kant e coloca em evidência os pressupostos científicos do precursor da filosofia transcendental e seu modelo de ciência na física (a mecânica de Newton). A partir deste ponto, nos fornece algumas das razões do porquê de os neokantianos não serem “tão kantianos assim”: e uma delas reflete no aspecto relativo ao modelo de ciência a ser tomado enquanto *Faktum* da reflexão transcendental. Nesses termos, a importância de Newton para filosofia de Kant e a importância de Maxwell para a de Cassirer. Desse cuidadoso tratamento, o resultado seria: dado que cada um dos autores partiu de um contexto distinto, os frutos de suas análises são diferentes. Ainda que de início isso soe um tanto básico, não se trata de uma trivialidade qualquer. É enfatizado, por exemplo, que a diferença entre a filosofia de Kant e a filosofia de Cassirer reflete também no âmbito da objetividade: enquanto no primeiro caso buscava-se refletir sobre a validade de uma lei científica (como, *e.g.*, a lei da gravitação universal), no segundo, o neokantiano direciona sua reflexão transcendental ao caráter da validade de uma teoria científica (como, *e.g.*, o eletromagnetismo de Maxwell). Isso, no desenrolar da história, desembocaria em uma das maiores teses defendidas por Cassirer, a saber, aquela relativa ao caráter simbólico do conhecimento científico. O percurso escolhido por Porta é bastante adequado. O mérito maior desse capítulo, assim vemos, é trazer ao leitor da área de filosofia, que no mais das vezes não possui o treinamento específico no grande campo das ciências duras, um tema de extrema complexidade de modo claro e didático.

¹ O outro será trabalhado na sequência, no capítulo 4.

Dando continuidade à investigação dentro campo das ciências físico-matemáticas, o capítulo 4, *A teoria do número em Natorp e Cassirer (1898-1910)*, busca contribuir ao debate da época e às origens do estruturalismo matemático. A investigação se concentra no conceito de número; tema da ordem do dia daquele período e trabalhado por nomes de primeira linha, como Frege, Russell e Dedekind. De acordo com o que é defendido por Mario Porta, também a filosofia da matemática dos neokantianos foca suas investigações no mesmo conceito de número e no debate em torno à sua natureza. Nesse sentido, tanto o projeto logicista (*grosso modo*, a tese de reduzir a matemática à lógica) de Frege e Russell, e o estruturalismo (*grosso modo*, a tese de que a matemática trata de estruturas formais) de Dedekind são os dois aspectos histórico-sistemáticos mais relevantes do capítulo. Nesse estudo, ademais, é localizada a participação do movimento neokantiano, em particular as figuras de Natorp e Cassirer, dentro do contexto. Por fim, o autor desenvolve a tese de que Cassirer é legatário de parte importante do que havia sido defendido anteriormente em Marburgo por Paul Natorp e mostra de modo cuidadoso como esse “tipo” específico de “logicismo-estrutural” defendido pelos neokantianos foi extremamente relevante ao debate daquela época.

No quinto capítulo, *Cassirer e Kant*, é analisado comparativamente as similitudes e as diferenças entre as filosofias transcendentais dos dois autores. Segundo Mario Porta, Cassirer – para além de ter ampliado² o escopo investigativo de seu antecessor – reformula o problema originário da filosofia transcendental kantiana. Segundo o que é defendido em sua investigação, o projeto da *Filosofia das formas simbólicas* trata-se de um idealismo de tipo pluralista, diferente daquele idealismo de matriz kantiana. A pluralidade defendida por Cassirer trata-se de algo irreduzível, dado que se funda em múltiplas formas de atribuição de sentido através das diferentes funções simbólicas. Cada forma simbólica, portanto, diz respeito a um modo peculiar de compreensão do mundo que se baseia em um princípio de espontaneidade específico e independente. Por tal razão, todas as formas simbólicas possuem um mesmo grau de validade, não havendo, portanto, uma hierarquia preestabelecida entre as formas simbólicas (linguagem, mito, ciência...). O capítulo fecha com uma rica tematização acerca das diferentes concepções de objetividade em Kant e Cassirer. Enquanto para o primeiro estava no cerne de sua análise

² A “tese da ampliação”, uma das mais recorrentes teses com respeito à filosofia de Cassirer, é tematizada por Mário Porta em pormenor no último capítulo de *Estudos Neokantianos*, como veremos adiante.

garantir a validade universal de uma lei científica³ – para o segundo isso muda radicalmente. Isso porque, segundo Cassirer, ao invés de pensarmos unicamente em termos de uma lei seria mais adequado que se pensasse inclusive para além da física em direção a outras formas válidas de descrição do mundo e como cada forma simbólica pode oferecer isso.

No capítulo 6, *Ernst Cassirer e a arte como “forma simbólica”*, Mario Porta oferece uma reflexão sobre a possibilidade de se considerar a arte como uma forma simbólica, ou seja, se arte pode ser um modo peculiar de objetivação dos fenômenos. Para isso, primeiramente, parte-se de uma definição precisa do conceito de forma simbólica na filosofia de Cassirer. Feito isso, se analisa a obra de arte enquanto um tipo de signo que preserva a relação com seu significado e, dessa forma, constitui um sistema de signos específicos frente a outros (marca característica da *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer).

O sétimo capítulo é o primeiro dos onze estudos de Mario Porta que estabelece alguns dos vínculos entre neokantismo e filosofia analítica. Nesse caso em específico, trata-se do problema da subjetividade e seus desdobramentos nas filosofias de Frege e de Natorp. Na análise de Mario Porta são considerados dois aspectos envolvidos nessa temática, a saber, o psicologismo e o platonismo. Inicialmente são tratados certos pontos de contato entre ambas as tendências filosóficas. Tanto Frege quanto Natorp são anti-psicologistas e platonistas. Contudo, cada um leva isso em conta a seu modo. Na primeira parte do estudo, sobre o platonismo dos autores, parte-se da reformulação de Cohen do conceito de *a priori*. Nesse ponto é mostrado seu distanciamento com a filosofia moderna, em particular quanto ao seu caráter marcadamente subjetivista, para passar uma consideração “lógica” da noção de *a priori*. Nesses termos, diferentemente de um autor como Descartes ou Locke, que consideravam o conhecimento a partir de um estado particular do sujeito, o neokantiano passa a considerar o conhecimento unicamente em sentido objetivo, partindo justamente do “Faktum” da ciência. Já em Frege, embora concorde com o caráter lógico ou objetivo da noção de *a priori* dos neokantianos, a noção de irrestrita universalidade assume um papel inexistente na noção defendida pelos neokantianos. Um conhecimento *a priori* deve valer para todos os objetos, incluindo os não empíricos. Essa diferença reflete em suas diferentes posições metodológicas e

³ Como já sabemos desde o capítulo 3 de *Estudos Neokantianos*, em que Mario Porta havia discutido isso.

platônicas, tematizadas minuciosamente por Mario Porta. Na segunda parte do trabalho, cujo tema gira em torno do anti-psicologismo dos autores, Mario Porta reconstrói o contexto do problema do psicologismo a partir da querela Bolzano x Exner, passando por Franz Brentano e sua escola para, então, localizar os neokantianos nessa esteira, em particular o projeto da *Allgemeine Psychologie* de Natorp. Frege entra no debate discutindo, entre outras considerações, a função desempenhada pelo “Princípio de Imanência”. Tal princípio, segundo Frege, é a fonte originária do psicologismo. O estudo termina com uma conclusão extremamente rica sobre ambas as tendências: Frege e Natorp são plantonistas e anti-psicologistas, na medida em que complementam suas teorias com uma teoria não naturalista da consciência.

No oitavo capítulo, o autor efetua uma análise crítica da obra de Michael Friedman, *A parting of the ways*, de 2000. No início de sua análise é valorizada e reconhecida a importância à época da obra de Friedman, sobretudo com respeito à pertinência do tema. Feito isso, Mário Porta começa suas objeções pontuais ao livro. Por exemplo, a abordagem romantizada de Friedman da filosofia de Cassirer é um dos pontos criticados. Além disso, também é assinalado que em *A Parting of the ways* M. Friedman não analisa minuciosamente nem tampouco distingue as filosofias das escolas de Marburgo e de Baden; existem pontos de dissonância marcantes entre elas que faltam no livro em questão. Por fim, talvez a maior crítica da resenha de Mario Porta esteja no fato de que considera que a disputa em Davos não seja propriamente o pivô da divisão dos caminhos, mas que Cassirer, Heidegger e Carnap eram representantes de correntes já divergentes à época.

O nono capítulo concentra-se na relação entre o neokantismo de Marburgo e a virada linguística. Novamente o nome de Adolf Trendelenburg – que figurou no capítulo de abertura do volume – é trazido ao debate. Neste momento, é abordado seu lugar naquilo que se designou *logische Frage* (i.e., a disputa em torno da determinação da lógica enquanto disciplina formal e contra sua identificação com a metafísica) e, em especial, seu debate com Steintahl. Herman Cohen surge nesse debate como personagem mediador entre os outros dois. Sua contribuição ao debate se concentrou na aplicação do “método transcendental” no programa trendelenburgiano de uma filosofia como *Wissenschaftstheorie*. Natorp, ao conceber em sua filosofia os dois tipos autônomos e irreduzíveis de conhecimento: o comum (“cópia do real”) e o científico (“processo de

estabelecimento da relação entre os fenômenos”), estabelece que a objetividade do conhecimento científico é consequência de sua “relatividade”. Ou seja, nas palavras de Porta “da consciente restrição da validade de seus princípios a um certo ponto de partida que ele é capaz de explicitar” (Porta, 2011, p. 257). Finalmente Cassirer, em continuidade com seus predecessores de Marburgo, proporciona um novo direcionamento ao tema trabalhado pelos outros dois: seu projeto de uma *Filosofia das Formas Simbólicas*. Nela, a linguagem, enquanto forma simbólica peculiar, não se trata de um sistema de signos específicos, mas uma maneira de compreensão de mundo. Mario Porta finaliza seu estudo enfatizando a importância dos outros neokantianos, especialmente Natorp, à elaboração do projeto filosófico de Cassirer.

Uma nova relação é trabalhada no décimo capítulo: aquela entre Brentano e Natorp e os conceitos de “*Intentionalität*” e “*Bewusstheit*”. Iniciando pelo ponto de contato, a saber, o projeto comum de Brentano e Natorp de fundação epistemológica da psicologia como ciência autônoma, Mario Porta segue seu estudo mostrando os pontos dissonantes entre eles. Concentrando-se na análise do tema da subjetividade nos dois autores, o estudo busca mostrar, através de precisas distinções conceituais, como se efetua a relação básica de “consciencialidade” (*Bewusstheit*) em Natorp e a intencionalidade (*Intentionalität*) em Brentano. Isso desemboca na tese central do autor, qual seja, a de que “consciencialidade” e intencionalidade dizem respeito a diferentes concepções de subjetividade: Natorp seria um continuador da época moderna enquanto Brentano não, senão que um autor que busca romper com essa tradição.

Finalizando o volume, no capítulo *Hermenêutica de uma “Filosofia das formas simbólicas”*, Mario Porta traz ao debate algumas interpretações possíveis encontradas na literatura de Cassirer sobre seu projeto filosófico maior. Partindo das “dificuldades” encontradas na própria letra do neokantiano, tais como a própria noção central de seu projeto – *i.e.*, o conceito de “Forma Simbólica” – o estudo mostra em que ela consiste, seguido por uma síntese do programa cassireriano. Feito isso, são expostas e discutidas as principais linhas interpretativas da *Filosofia das Formas simbólicas*: a tese da ampliação (*Erweiterung*); a leitura semiótica; a interpretação neokantiana; a proposta de Goodman de uma teoria de *Ways of word making*; e a aproximação entre Cassirer-Husserl. Se, por um lado, todas essas linhas de interpretação apresentam bons argumentos e leituras intrigantes da obra de Cassirer, por outro lado, não são isentas de limitações. Expondo-as

detalhadamente, Mario Porta mostra aquilo que ele acredita ser mais destacável e mais problemático dentro de cada uma delas.

Para finalizar a resenha, é preciso ressaltar – outra vez mais – a importância de trabalhos acadêmicos com o alcance e profundidade de análise como nas investigações de *Estudos Neokantianos*. São méritos de Mario Porta seu proceder rigoroso, por um lado, e, por outro didático. Ambos igualmente necessários no fazer filosófico. Que esses *Estudos Neokantianos* sejam os estímulos que estiveram em falta por muito tempo em nossa comunidade acadêmica ao debate de qualidade do tão rico movimento neokantiano.

Lucas A. D. Amaral⁴ 

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, Brasil
lucasdamaral@gmail.com

Resenha recebida em: 01.08.2021

Resenha aprovada em: 11.09.2021



⁴ Pós-doutorando em filosofia (PNPD/CAPES) pela PUC-SP.